

42º ENCONTRO ANPOCS

SPG18 - Família, migração e trabalho.

Eu, filha de empregada doméstica: as rupturas, tensões e experiências presentes nas relações entre empregadas domésticas e suas gerações.

Autora: Aline Rodrigues Moreira da Silva*

*Graduada em Ciências Sociais pela UFRRJ. Mestranda em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFRRJ. Aluna bolsista da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

SETEMBRO DE 2018

Culturalmente vista como “coisa de mulher”, a atividade doméstica é majoritariamente exercida por mulheres, assim como o emprego doméstico. A maioria dessas ocupações é formada pela mão de obra feminina. Segundo dados de um estudo realizado pelo IBGE¹ em dezembro de 2017, as mulheres dedicam o dobro do tempo em atividades domésticas, ainda que estas tenham alguma ocupação profissional. O debate sobre isso gira em torno da divisão sexual do trabalho, das relações de parentesco e do casamento que, segundo Sarti (1992) são estruturas universais, mas, além disso, durante séculos a sociedade brasileira sustentou um regime escravocrata que, uma vez analisado historicamente, torna possível uma compreensão aprofundada da questão do trabalho doméstico e da empregada doméstica no Brasil. Importantes relatos historiográficos, como os de Gilberto Freyre e Florestan Fernandes, revelam o significado da mulher negra trabalhando na Casa Grande, desde criança até quando é escolhida para se tornar ama de leite. Ao final da era da escravidão, a divisão sexual do trabalho permanece e mantém a mulher condicionada a atividades domésticas como inerentes à natureza feminina.

Esta proposta de comunicação está relacionada tanto à minha pesquisa em andamento no mestrado como aos resultados de uma investigação monográfica. Inicialmente, busquei compreender esse viés histórico que tomou nova forma em nossa sociedade, modificando a maneira como o trabalho doméstico foi organizado: atribui-se direitos trabalhistas e sociais à profissão. Para isso, tomei como ponto de partida a minha experiência enquanto filha de doméstica, enfrentando os desafios de realizar uma pesquisa em meu próprio contexto familiar. Desenvolvi este trabalho que analisou a trajetória histórica do trabalho doméstico no Brasil, a fim de tratar analiticamente do percurso de três mulheres irmãs e suas experiências de empregadas domésticas que “moram na casa de suas patroas”, que também eram mulheres que integravam a mesma comunidade familiar.

Observando as trajetórias dessas empregadas, sejam pelas experiências

1 FONTE: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/18568-tarefas-domesticas-impoem-carga-de-trabalho-maior-paramulheres.html>

compartilhadas em nossas relações de parentesco ou através de suas narrativas, considere a dinâmica presente entre as duas famílias: a das empregadas com suas respectivas patroas, que também eram irmãs. É preciso considerar a ambiguidade afetiva presente nessas relações (BARROS, 2007), bem como explorar os dilemas no que diz respeito à localização desses lares: por um lado as empregadas domésticas se estabelecem num bairro de camada popular da baixada fluminense do estado Rio de Janeiro, enquanto suas patroas vivem na Zona Sul da cidade, sinalizada no imaginário do pobre como “lugar de gente rica”. Essa observação contribui para pensar na circularidade entre dois mundos na mesma cidade que, ainda que marcados pela distância hierárquica, reproduzem modelos de vida que atuam em novas situações (VELHO, 2012). Meu estudo compreende questões referentes ao cotidiano, aos recursos utilizados para a manutenção das relações de afeto, na busca de nutrir e compensar os vazios causados pelo caráter de distanciamento inerente à sua condição de trabalho, os impactos nos vínculos familiares e até mesmo uma “rede de colaboração” entre essas trabalhadoras, que circulavam no âmbito dessas casas compartilhando suas práticas, saberes e intimidade.

A ideia de construir narrativas individuais e coletivas de mulheres trabalhadoras é algo desafiador. A pesquisa em andamento busca descrever essas trajetórias e observar os seus reflexos nas gerações posteriores às dessas mulheres. Uma das perguntas que ficou em aberto em minha monografia foi o desdobramento geracional da questão da trabalhadora doméstica no Brasil, nesta segunda década dos anos 2000. Se meu trabalho de conclusão da monografia deu conta de discutir alguns aspectos de mudanças e continuidades na vida dessas mulheres, ele apontou para diversas questões acerca das continuidades e rupturas destas trajetórias em relação à geração de suas filhas, por exemplo: Quem são essas jovens? Onde elas estão? Elas reproduzem o trabalho de suas mães ou ele é visto como algo a ser superado? Existe um projeto de vida que leve essas jovens a resistirem ao “efeito de transmissão” (LINS DE BARROS, 2008), no sentido que a atividade das mães possa ter sobre suas “escolhas” profissionais?

Percebe-se, nas falas das mulheres pesquisadas, expectativas e investimentos de vida visando o futuro de seus filhos e filhas. Trata-se de uma passagem geracional bastante complexa. Pode-se considerar que o trabalho doméstico é vivido com orgulho ao propiciar o futuro digno aos filhos e filhas, mas não é vivenciado como um trabalho a ser transmitido à próxima geração. A socióloga Kimi Tomizaki (2006), por exemplo, atentou para as rupturas e continuidades nas relações intergeracionais entre os metalúrgicos do ABC paulista. Tomizaki, a partir de uma abordagem geracional, vai observar que apesar dos metalúrgicos terem orgulho de suas histórias e dos lugares que ocupavam na sociedade, demonstravam um certo desconforto com a possibilidade dos filhos pertencerem ao grupo de "trabalho informal", ou seja, aquele trabalho sem vínculo formal que inclui a garantia dos direitos trabalhistas. Neste sentido, ela percebe que uma "herança operária" não seria um problema, desde que os filhos estudassem para que pudessem alcançar, ainda que dentro da fábrica, cargos melhores. Já as meninas que visitam as mães nestas "casas de famílias" onde elas moram, não devem se familiarizar com o trabalho da mãe a ponto de quererem seguir em sua profissão. Afinal, as mães trabalham para o futuro de suas filhas, principalmente para que elas não se tornem trabalhadoras domésticas. Num artigo apresentado por Lins de Barros (2008), que analisou aspectos de três gerações femininas em famílias de camadas média, ela constata uma marca que diferencia as gerações, que se faz presente numa dinâmica entre mães e filhas. No que diz respeito às mães, a autora observou um movimento contínuo na organização doméstica: a relação com os filhos, a casa, o status conjugal. Já com as filhas, Lins de Barros aponta para uma busca de autonomia e independência. Em algumas situações, afirma:

[...] encontramos disposições para mudança de perspectiva para a vida futura, com projetos de vida de ascensão social. Nestes casos, a educação superior e a profissão são garantia de distinção com as gerações anteriores e podem, assim como a instabilidade na situação social, ou queda social, estabelecer-se como um drama familiar em que se tornam mais definidos, para alguns membros da família do que para outros, a opção por maior autonomia e independência. (LINS DE BARROS, 2008, p. 5)

A autora observou que conforme as gerações iam percebendo as mudanças

sociais e de mentalidade, no que diz respeito ao lugar da mulher na sociedade, a educação das filhas era fortemente voltada para o ensino superior e para a profissionalização. Apesar da análise de Lins de Barros ter mostrado que tal projeto não se efetuiu na prática, minha pesquisa em andamento pretende encontrar respostas que me conduzam ao encontro das perspectivas de trabalhadoras domésticas em relação às suas filhas. Deve-se considerar o processo de transferência de legados simbólicos no sentido “de valorização do projeto de autonomização e independência” (LINS DE BARROS, 2008), uma vez que tratamos de uma profissão estigmatizada e de gerações femininas e famílias de camadas populares. A partir desta dimensão tensa da relação entre trabalho, gênero e geração, a investigação volta-se para as trajetórias das filhas de trabalhadoras domésticas, buscando analisar continuidades, descontinuidades, tensões, aproximações e experiências densas acerca desta história ainda bastante invisibilizada na sociedade brasileira.

Além de refletir sobre o trabalho doméstico, os seus desdobramentos e as dinâmicas presentes nas relações que atravessam essa atividade, minha pesquisa se dedica a pensar este objeto a partir da organização familiar dessas trabalhadoras. Seus locais de trabalho deixam ser meu principal cenário de observação, transferindo o meu olhar para suas trajetórias, narrativas e para uma abordagem geracional: o lugar onde vivem, suas casas, as tradições e os costumes, a relação com o passado, o lar, os laços de amizade, a construção de identidades, a imagem da mãe, a honra e a dignidade, a idealização do futuro dos filhos, o investimento na educação, os modos de ser, de viver e de se perceberem no mundo. Diante do debate intergeracional, este trabalho observa essas experiências a partir de uma análise etnográfica e dos relatos de histórias de vida, examinando as rupturas e continuidades desta profissão, enquanto questões fundamentais para pensar as heranças e legados profissionais das próximas gerações.

As histórias de vida serão o fio condutor do meu projeto. Becker (1993) vai dizer que as histórias de vida se interessam “por um relato fiel da experiência e da interpretação por parte do sujeito do mundo no qual ele vive” (p. 102). O autor afirma a importância dada à forma como cada indivíduo interpreta suas experiências, ou seja,

a versão que cada um traz para os acontecimentos passa a ser valorizada. Neste sentido, ele nos mostra que a história de vida torna-se relevante para que os fenômenos sociais possam ser compreendidos.

Pois a história de vida, se bem feita, nos fornecerá os detalhes desse processo cujo caráter, de outro modo, só seríamos capazes de especular [...] Ela descreverá aqueles episódios interativos cruciais nos quais novas fronteiras de atividade individual e coletiva são forjadas, nos quais novos aspectos do eu são trazidos à existência. [...] A história de vida, por causa da própria história de seus atores, é uma mensagem viva e vibrante, que nos conta o que significa ser um tipo de pessoa que nunca encontramos face a face. (BECKER, 1993, p. 110 e 111)

Por outro lado, Bertaux (2010) nos faz pensar sobre as diferenças entre narrativas de vida e histórias de vida, nos mostrando que uma coisa é a história vivida e outra é a narrativa que a pessoa faz de sua vida. Segundo o autor, as narrativas propõem uma observação direta, focada na interação face a face. Elas vão permitir que o observador consiga perceber “as lógicas de ação no seu desenvolvimento biográfico e as configurações de relações sociais no seu desenvolvimento histórico.”(2010, p. 17). Neste sentido, ele vai dizer que as narrativas de vida são orientadas para uma forma de narrativas de prática, nos ajudando a compreender os contextos sociais onde os indivíduos estão inscritos. A concentração nas práticas recorrentes, afirma, nos leva a compreender a lógica de ação desses atores. Eu poderia citar aqui os *Palleros*², que Mintz encontrou em Palmas Orillanas, no Caribe, entre os trabalhadores da plantação

2 Os Palleros eram trabalhadores rurais - mais especificamente que trabalhavam na construção e limpeza de canais que conduziam água - que iam para o trabalho usando paletós e camisas limpas. No campo, eles trocavam de roupa, deixando a limpa de lado, para que após o término do trabalho, pudessem tomar banho nos canais de irrigação, e retornar para suas casas com as roupas limpas. Eles também fabricavam os cabos de suas pás com uma madeira de Porto Rico, que era mais leve, de forma que pudesse ser "mais doce à palma da mão". Essas pás eram adornadas com elementos de cunho pessoal, fossem anéis ou de outras formas enfeitadas. Ver à respeito: MINTZ, Sidney. Caribe: História e força de trabalho. In: O poder amargo do açúcar - Produtores escravizados, consumidores proletarizados. Editora Universitária UFPE, 2ª edição revista e ampliada. Recife, 2010.

de cana. Estes nunca iam à labuta com suas roupas de trabalho ou retornavam com elas. Para Mintz, o significado disso deveria ser apreciado plenamente.

As práticas recorrentes dialogam com “os relatos de vida, que para além do caráter de história pessoal, descrevem um universo social, revelando uma interação entre o eu e o mundo”. (Bertaux, 1997, apud Ciocari, 2013, 1999, p. 17). Essas histórias, afirma Ciocari, evidenciam as especificidades dos indivíduos e os contextos onde eles estão inseridos. Portanto, as histórias de vida e os estudos das narrativas de trabalhadoras domésticas e suas filhas, tornam viáveis as possibilidades destas personagens reconstituírem suas trajetórias e engendrarem novas reflexões sobre si e suas gerações. Como já compartilhado, lancei-me no desafio de pesquisar e entrevistar empregadas domésticas em meu próprio contexto familiar. Em alguns momentos, por serem elas muito próximas, fui afetada pelos dramas vividos em seus cotidianos. Quando comecei a minha pesquisa, decidi frequentar o local de trabalho da minha mãe, na busca de observar de perto a sua rotina e a relação com seus patrões, podendo também compartilhar em meu texto as minhas vivências. Eu dormia no quarto de empregada com ela, acompanhava os detalhes recorrentes do dia a dia, observava o seu cansaço, os diálogos e ambiguidades entre ela e a patroa (BARROS, 2007), a relação dela com as crianças da casa, com os espaços e com a comida. Eu estive muito perto e presente, durante bastante tempo, em grande parte do caminho que minha mãe, enquanto empregada doméstica, atravessou. E eu havia escolhido escrever sobre isso e encontrar respostas para as minhas questões a partir de sua trajetória, narrativas e das minhas experiências. O grande dilema que gira em torno disso e que ainda me desafia, por pesquisar num cenário familiar, é de que forma eu supero os afetos e as complexidades presentes nessas relações. Um coisa é entrevistar alguém que você nunca viu e ser surpreendido pelas suas revelações, outra é você entrevistar pessoas que você ama e conhece, e conseguir se sensibilizar sem se abalar, alcançando o afastamento necessário para a análise.

Alguns clássicos me orientam nesse sentido, me sugerindo uma possibilidade real de investigação dentro de minha família, ou num cenário que me é familiar. Para tal exercício, porque essa consciência de afastamento é um exercício, tenho me inspirado

em Da Matta (1985) que vai questionar a relação do pesquisador com o que é exótico e com o que é familiar. O que acontece quando estamos diante da antropologia social, diz Da Matta, é que pensamos naquilo que é exótico, naquilo que exige uma distância social, que tem como componente a ideia de marginalidade, ou seja, um objeto que vá despertar no pesquisador um sentimento de estranhamento. No papel no etnólogo, afirma o autor, existe o que chamou de dupla tarefa, que consiste em transformar o que é exótico em familiar, e o familiar em exótico. Não se trata de observar o povo africano ou os índios, aquilo que é estranho para nós, mas aprender a estranhar uma regra social familiar, descobrir o exótico dentro de nós e em nós. Da Matta fala em nos voltarmos, enquanto pesquisadores, para nossa própria sociedade e para os problemas relativos à ela. Contrapondo-se, em certa medida, Gilberto Velho (1981) afirma que o envolvimento com o objeto é inevitável. Segundo Velho, nem tudo que é familiar é conhecido. Precisamos pesquisar para conhecer. Há familiaridade, vai dizer, mas não há conhecimento a respeito da vida. Familiaridade, segundo o autor, não significa compreender as lógicas de suas relações.

A exemplo dos antropólogos Luiz Fernando Dias Duarte e Edlaine Gomes (2008), quando em *Três famílias* observaram transgeracionalmente a dinâmica social de três redes familiares, das quais faziam parte. Os autores, por sua vez, nunca deixaram de intervir como agentes dessas histórias, apesar da análise ter dependido de um distanciamento o qual consideraram complexo:

Levantou-se assim, para os pesquisadores, uma série de inquietações e cuidados com a dimensão ética no trabalho. No caso das próprias famílias, não se poderia, por princípio, adotar a estratégia do anonimato dos informantes, o que não deixava de constituir um desafio incômodo. (DUARTE, GOMES, 2008, p.13)

Do mesmo modo, Florence Weber (2009), ao retornar à pequena cidade onde viveu quando era criança para, através da etnografia, observar o comportamento dos operários de uma fábrica. Weber faz uma análise delicada sobre o que os operários faziam quando não estavam trabalhando. Cercada de memórias da infância e da reputação que construiu no imaginário das pessoas que a viram crescer, ela oferece em

seu trabalho elementos biográficos e familiares indispensáveis para a investigação de sua posição e relação com os nativos, ao longo de sua pesquisa.

Após quinze anos de estudos em Paris, o retorno ao campo é, portanto, a ocasião de reencontrar pedaços esquecidos da infância para mim. Para aqueles que me conhecem pequena, sou a “emigrada que volta”, com o que isto comporta de familiaridade [...] Quando encontramos pessoas que fizeram parte de nosso passado familiar, costumamos abordá-las resumindo esses quinze anos de vida. Este exercício de condensação objetiva, feito para a “velha amiga”, origina resultados surpreendentes. (WEBER, 2009, 39-40)

Inspirada na noção de "ser afetado" pensada por Favret-Saada (1990), Cioccarri (2009) num artigo sobre suas reflexões durante o tempo em que esteve em comunidades de mineiros de carvão, Minas do Leão e Lorena Francesa, imerge numa análise profunda sobre as mútuas perturbações causadas pela presença do antropólogo no campo. Assim como Favret-Saada que se "deixou afetar" pela feitiçaria para que pudesse ter acesso às informações no Bocage francês, Cioccarri permite que tais perturbações apontem para as subjetividades, assim como os sonhos que teve, "fornecendo indicações que podem ajudar a elucidar aspectos da experiência." (2009, p. 242). No meu caso, seja através da observação participante ou por empatia, recursos não utilizados por Favret-Saada, considero uma tentativa de trazer luz sobre as questões referentes ao trabalho doméstico, a partir da minha experiência enquanto filha de doméstica. E "ser afetada", de modo que as minhas experiências contribuam para as questões desse trabalho, é algo que eu decidi vivenciar.

Neste trabalho, reflito sobre a história de vida de uma empregada doméstica e sua filha, a saber, minha mãe e eu. Considerei a minha narrativa durante o período em que frequentei o seu lugar de trabalho, a casa dos patrões, há cerca de três anos. Do mesmo modo, foi considerada a narrativa de minha mãe de sua própria trajetória. Os nomes dos patrões citados são fictícios para preservar-lhes a identidade.

1. Mália Maria: A filha de Seu Hélio e um caminho de conciliações

Quando perguntei à minha mãe na cozinha de sua casa o que vinha à sua cabeça

depois de lembrar de toda sua história, ela disse: “*Tempo perdido!*”. Quase que semanalmente, quando eu trabalhava no centro centro da cidade, passava pela estação de trem de Madureira. Eu não sabia que havia sido lá que em 1967 ela nasceria de uma jovem mulher chamada Geni, que viria nos deixar após oito anos por causa de um infarto fulminante no quintal de sua casa. Geni tinha 38 anos quando morreu e deixou Mábia e seu irmão Robinho ainda muito crianças. Ela e seu esposo Hélio vieram morar no bairro Colombo, no município de Duque de Caxias quando Mábia era ainda um bebê. Junto deles, vieram também outros três filhos de Hélio, Marlene, Eliene e Edson, frutos do antigo casamento. A mãe os havia abandonado. Foi nesse bairro pequeno que Seu Hélio, comprou um terreno e construiu uma casa onde moraram durante alguns anos. Na época, meados da década de 70, o bairro ainda não havia assumido características de um núcleo urbano. As ruas eram de terra, as casas feitas de tábua e não havia iluminação. Ela conta que, à noite, a luz que clareava as ruas era a da lua.

“*Eu tinha o cabelo enorme*”, disse. Depois que sua mãe morreu, quando tinha oito anos, Seu Hélio decide entregá-la com seu irmão, este com dois anos, para que tios e conhecidos distantes pudessem deles cuidar. Nesse momento eles são separados e o pai permaneceu vivendo na baixada com seus filhos mais velhos. Seu cabelo era realmente enorme. Mábia conta que como ninguém tinha paciência para cuidar dele, o cortaram bem curtinho. É nessa época de sua vida, que morando com “Mãe Maria”, uma conhecida para quem meu avô a entregou depois que vovó partiu, que ela começa a ter suas primeiras funções no trabalho doméstico. “*Eu me lembro que mãe Maria me colocava sentada de frente pra uma bacia de alumínio e me fazia ficar esfregando as roupas nas mãos.*”, contou. Ela ainda estudava. era bem cuidada e tinha as atividades domésticas como parte de sua educação. Aos onze anos, Seu Hélio casa-se novamente e leva ela e seu irmão Robson para morar com ele, sua nova esposa e e outros dois dos filhos desta. Suas irmãs mais velhas já trabalhavam e Marechal Hermes agora era seu novo lar.

“*Era uma casa muito pequena.*”, contou. Dormiam na sala os filhos e os pais no quarto. Suas memórias sobre essa época são sempre regadas de tristezas. A madrasta

esteve muito longe de ocupar o lugar de afeto de sua mãe. Ainda aos onze anos, seu pai a tira da escola e a manda para trabalhar como doméstica na casa de Dona Vivian em Angra dos Reis, como se ali determinasse seu destino. Eu disse: “*Mãe, você era uma criança. Eles aceitaram isso?*”. Dona Vivian foi até à casa do meu avô em Marechal para combinar tudo. Mábia passaria a encontrar sua família uma vez ao mês quando os patrões viessem ao Rio tratar de negócios. Assim aconteceu durante três anos. Todo dinheiro que ela ganhava, entregava ao seu pai. Todo. Na casa em Angra dos Reis, haviam crianças de sua idade. Lá, ela fazia tudo. Limpava, ajudava na cozinha, cuidava das roupas. As crianças estudavam. Mábia limpava casa. No início ela dormia no quarto com as crianças. Depois de um tempo, passou a dormir num quarto que havia fora da casa. Quando eles iam à praia, diziam que ela só poderia ir encontrá-los depois que terminasse suas tarefas domésticas.

Aos quatorze anos, Mábia retorna à Marechal para a casa de seu pai. Seu irmão Robson, havia sofrido durante esse tempo, resultando em fugas, colégios internos e morada nas ruas. Acontece seu aniversário de 15 anos, como que um ritual que a permitiria acessar a vida adulta. Logo inicia o trabalho numa nova casa na Tijuca, onde viviam Laura e Alex. Lavava, passava e cozinhava. Dormia lá durante toda a semana e voltava para casa às sextas-feiras. O dinheiro continuava sendo entregue ao seu pai. Quase dois anos se passaram, quando adoece e vai para a casa de uma tia em Irajá, bairro na Zona Norte do Rio. Numa carta escrita ao seu pai anuncia que não retornaria mais para Marechal, na casa onde vivia com a madrasta. Após se tratar, vai trabalhar na casa de Bia e Zeca na Lagoa. “*Era Bia mesmo. Não tinha isso de Dona Bia!*”. Lá, ela permanece por dois anos e desiste do emprego após a patroa engravidar e pedir que ela cuidasse do bebê além da casa.

Não havia telefone público, vulgo "orelhão", no bairro onde sua família vivia. Quando precisavam fazer alguma ligação, existia um telefone num bar que podia ser usado e cobrava-se os minutos das ligações feitas. Nessa fase de sua vida, Mábia já havia conhecido seu atual companheiro. Foi na casa de Cláudia, na Barra, que ela trabalharia pelos próximos três anos, até o final de sua primeira gravidez. O direito à licença maternidade para a empregada doméstica nasce um ano após sua saída do emprego. Apesar de ter surgido no Brasil em 1943, com a Consolidação das Leis dos Trabalhos

(CLT), a doméstica só passa a ter o direito à licença maternidade em 1988 após a promulgação da Constituição Federal. Durante os próximos dez anos, ela leva a vida como dona de casa. Tem mais um filho e seu pai morre depois que ela pudesse tê-lo reencontrado e se reaproximado com os dois filhos ainda bebês. Em dezembro de 1990 Seu Hélio morre convicto e com suas rugas na testa herdadas pelo meu irmão.

Ao final de dez anos, Mábia retorna como diarista para a casa de Dona Lúcia. “*Então já tinha que chamar de dona, mãe?*”, perguntei. Passa a trabalhar todos os dias, indo e voltando para sua casa. Ela voltou a morar no Colombo, numa casa construída pelo seu marido no mesmo terreno onde viveu quando criança, e onde vive até hoje. Desse pequeno bairro para a Barra da Tijuca é uma longa viagem. Além do trabalho remunerado, Mábia agora tinha dois filhos, um marido e uma casa sob seus cuidados. Após um ano nessa casa, ela deixa o trabalho. Quase quatro anos depois, seu marido fica desempregado e ela vê no emprego doméstico a saída para sustentar sua família. Com seus filhos já crescidos, é na casa de Dona Esther, em Botafogo, que ela é chamada para trabalhar durante toda semana e dormir. Dona Esther era irmã de Dona Lúcia, que também eram irmãs de Dona Bete, personagens centrais nas trajetórias de emprego doméstico de Mábia e suas irmãs. Sua carteira é assinada e nesse emprego ela permanece pelos próximos nove anos, dormindo durante toda semana e indo para sua casa encontrar sua família ao final da tarde de toda sexta-feira.

Os quase dez anos que se seguiram nessa casa, foram marcados por muito trabalho, dedicação e problemas com a saúde, além de terem Mábia como “quase da família”. Nessa casa ela foi babá, lavadeira, passadeira, cozinheira, arrumadeira e faxineira. Cuidava do cachorro, fazia compras, anotava recados, levava as crianças nas aulas de dança e buscava. Servia o jantar, recolhia o jantar e depois jantava. Só ia deitar após limpar a cozinha. Acordava às 5h da manhã para preparar e servir o café. O apartamento era bem grande e ela cuidava com muito zelo de cada espaço. Regava as plantas, arrumava as camas e desmontava a árvore de Natal ao fim das festas. Foi conselheira, confidente, enfermeira e uma funcionária leal. Dormia num quarto aos fundos da cozinha, junto da dispensa e um banheiro que acumulava os baldes dentro do box. Para tomar banho, era preciso tirá-los de lá e as vassouras. “*O chuveiro era maravilhoso. É a única coisa que eu sinto falta.*”, me disse.

Neste meio tempo, ela viu a casa de praia ser construída. Depois de um banho naquele chuveiro que ela dizia ser maravilhoso, deitava-se por volta de nove e pouca da noite, exausta. Nos dava boa noite e descansava para o dia seguinte. Nós nos falávamos o tempo todo. Desde o bom dia, passávamos por alguma fotografia durante a rotina na universidade, fosse o almoço no "bandejão" ou um pôr do sol indescritível do lugar, seguidos de mensagens de "Boa noite!", "Durma bem!" ou "Amo você!", como se dissessemos para quem está perto. Após uns anos, Mábia decide deixar o emprego por causa da saúde debilitada. Seus patrões propuseram uma folga no meio da semana e, dessa forma, ela segue por um período. Um evento que a deixou desestabilizada, aos 48 anos, fez ela ir para sua casa e não retornar mais. Cansada, doente e infeliz, sua família a recebe de volta para juntos tentarem resgatar o brilho na vida de uma mulher forte que, desde criança, compreendeu a subserviência como a natureza dos seus dias.

Hoje ela vive em sua casa no Colombo. Não pensa em voltar ao trabalho de empregada doméstica. Ajudou sua filha a se formar numa universidade foi uma mulher que, em muitos momentos, assumiu a responsabilidade de manter uma casa. Na vida enfrentou dois partos, noites mal dormidas e incontáveis segundas-feiras acordadas pela madrugada para chegar à tempo de servir o café da manhã. Na vida enfrentou muitos muros invisíveis, muitas injustiças e trabalho pesado. Mábia contou que gostaria de ter sido professora, mas não deu. Aos 51 anos conta feliz que dorme até tarde e das vezes que disse “não” à ex-patroa quando esta pediu que retornasse ao emprego. Para ela isso é um ato de resistência. Porém, ainda com tudo que viveu, permanece com um coração bondoso e sem mágoas. No dia do aniversário de cada uma das mulheres da casa, ela envia uma mensagem pelo *Whatsapp*, desejando felicidades e “*que Deus as abençoe*”.

2. A Rua Jardim Botânico - Zona Sul

Aprendi a andar sozinha pela cidade do Rio de Janeiro. Sair de um bairro na baixada fluminense para ir até à cidade, seja lá para o que fosse, sempre teve seu status entre os meus conterrâneos. Quando criança, um passeio pelo centro era motivo

de alegria. Significava andar pelo Largo da Carioca enquanto jogávamos milho para os pombos ou comer no McDonald's. Tudo que me retirava daquele bairro pequeno em Duque de Caxias, simbolizava ascensão de alguma forma. Fosse uma escola em outro município ou uma ida ao médico na região serrana. As pessoas não costumavam sair dali. A vida girava em torno do bairro. A não ser o trabalhador. Esses iam todos os dias para o centro da cidade e de lá se dividiam, em sua grande maioria, para as zonas norte e sul. A zona sul, como disse no início, é sinalizada no imaginário do povo pobre da baixada como "lugar de gente rica". Ao mesmo tempo, como disse uma de minhas interlocutoras, é um lugar de oportunidade.

Cresci assim, sabendo que minha mãe e tias trabalhavam na Zona Sul, naquele lugar de pessoas ricas, de onde me vinham as roupas usadas, de onde me vinham as ausências e um tanto de curiosidades: dormir sem falar com minha mãe e imaginar o que ela havia preparado para os seus patrões jantarem, enquanto eu cuidava da comida do meu pai e do meu irmão. Não ter minha mãe em casa fez recair sobre mim, ainda adolescente, a responsabilidade de "cuidar do lar". Lembro-me como se fosse hoje quando uma de minhas tias anunciava em voz baixa, como se ninguém mais pudesse escutar: "Elas estão fazendo a limpa. Tiraram muita roupa. Tem uns vestidinhos lá que lembrei da Aline. Vou trazer pra ela." Até meus vinte e poucos anos, inclusive durante minha graduação, usar as roupas da filha da patroa da minha tia foi algo comum em minha vida. Mais do que uma necessidade, era algo divertido olhar as etiquetas e perceber as marcas caras que eu só via em revista.

Meus pais se preocuparam com minha educação e, ainda que houvesse dificuldades, eu e meu irmão tivemos acesso a boas escolas e a um universo cultural que muitas crianças do meu bairro não puderam ter. Ao final do ensino médio, após algum tempo fazendo trabalho voluntário, eu decidi procurar um emprego. Eu tinha vinte e um anos quando a patroa da minha mãe, ao saber do meu interesse, sugeriu que eu trabalhasse de babá na casa de uma paciente dela. Ela não sugeriu que eu continuasse a estudar, que eu fosse procurar uma vaga em algum shopping ou que pensasse numa forma de ganhar dinheiro em casa. Ela me recomendou que trabalhasse de babá e eu aceitei. Na época, não vi nisso um problema, pelo contrário. Queria ganhar dinheiro e

esse me pareceu um modo possível. Quando a sua mãe é empregada doméstica e a patroa dela diz pra você trabalhar como doméstica também, é preciso uma força muito grande vinda de dentro te fazendo resistir e enxergar outros caminhos. Trabalhei por quatro meses e só. Eu vi que meu lugar não seria ali.

Assim como muitos jovens, eu fiz parte do grupo no qual os pais sonham com a possibilidade de os filhos fazerem uma faculdade. Quando eu estava trabalhando de babá, ouvia minha tia falar sobre a mesma menina que me mandava roupas usadas: ela estava cursando medicina no Fundão (UFRJ). Após algum tempo de trabalho voluntário e rápidas passagens por outros empregos, tentei uma vaga numa universidade pública, conquistando o acesso a uma delas quando ia completar vinte e três anos. Minha mãe ainda trabalhava como empregada doméstica na mesma casa e viria me ajudar com as despesas dos estudos pelos próximos quatro anos que seguiriam. Durante esse longo período de estudo, continuei a frequentar, esporadicamente, o apartamento onde minha mãe trabalhava na rua Jardim Botânico, na zona sul do Rio de Janeiro. Sempre que havia um espaço em minha rotina na universidade, eu seguia para lá. Minha principal motivação era fazer companhia para minha mãe, pois pensar a solidão enfrentada por ela em seu cotidiano era algo que me atormentava. Resultou disso a principal questão da minha monografia, que foi estudar o aparelho de celular como uma ferramenta apropriada para desconstruir o sentido de solidão no dia a dia das domésticas que ficavam longe de suas famílias.

Jardim Botânico é considerado um dos bairros mais nobres da cidade. Eu aprendi a andar pela zona sul por necessidade, não por prazer. Mas eu não ia além da rua Jardim Botânico. Descia sempre no mesmo ponto, ia pelo mesmo lado da rua e já sabia tudo que deveria fazer. Os porteiros me conheciam e logo abriam o portão do prédio. "Você pode dizer pra minha mãe que eu tô aqui, por favor?". Eu subia pelo elevador social e esse era o meu primeiro passo, quase literalmente, para romper com uma regra sem sentido. Entrava pela porta da cozinha e a primeira coisa que eu perguntava para minha mãe, silenciosamente, era: "Você está sozinha?". A resposta determinava o meu lugar na casa. Determinava meu tom de voz, os espaços que eu

iria circular e permanecer. Quando minha mãe estava sozinha, eu frequentava a sala do apartamento e gastava um bom tempo observando os detalhes. Enquanto minha mãe limpava, eu fazia uma coisa ou outra, como pegar algum produto na dispensa, ajudar a levantar o imenso tapete da sala ou, raramente, estender algumas roupas no varal que ficava na área de serviço. Eu seria capaz de descrever cada detalhe daquele apartamento.

Havia o quarto da empregada³ e nele é onde eu passava maior parte do meu tempo quando estava lá. Eu não tinha a ousadia da personagem Jéssica, no filme "Que horas ela volta?"⁴. Comer à mesa com os donos da casa ou dormir no quarto de hóspedes era algo inimaginável. No momento em que minha mãe cozinhava no fim da tarde, eu ficava sentada num banco de madeira ou escorada numa bancada que dividia a cozinha da área de serviço, enquanto conversávamos. Eu respirava fundo quando escutava o barulho da chave na porta, pois sabia que, a partir daquele instante, minha mãe iniciaria um ritual de favores e atividades dos quais eu não participaria. "Posso

3 Existem muitas reflexões no meio acadêmico sobre o "quarto da empregada". Destaco aqui a análise da antropóloga Dora Porto, especialista em bioética social, num artigo publicado em 2008 sobre o trabalho doméstico. Porto discute à luz da bioética social a condição de vida das mulheres e as relações de trabalho as quais estão expostas nos empregos domésticos, apontando as conseqüências dessa situação em termos de saúde e adoecimento. Suas pesquisas demonstraram que a atividade doméstica cobrava um alto preço da vida dessas trabalhadoras, sujeitando-as à um cotidiano marcado pela opressão, dor e adoecimento. Segundo a autora, existem alguns fatores que estão diretamente ligados às condições adversas da vida dessas profissionais, que se relacionam entre si influenciando o desempenho das atividades. Esses fatores, como infra-estruturais, sociais e simbólicos, marcam a dinâmica do cotidiano da empregada doméstica. Porto cita o local onde elas desempenham suas atividades, que são proporcionalmente muito menores do que os outros cômodos da casa. Além disso, são lugares marcados pela disposição, planejados e construídos "na parte de trás" das residências e são geralmente cubículos mal ventilados. Ver em: PORTO, D. Trabalho doméstico e emprego doméstico: atribuições de gênero marcadas pela desigualdade. Revista Bioética 2008 16 (2): 287 - 303.

4 Filme brasileiro de 2015, da cineasta Anna Muylaert que conta a história de Val, uma pernambucana que deixa a filha Jéssica sendo criada pela avó e vai para São Paulo trabalhar como babá e doméstica na casa de uma família de classe alta.

lavar essa louça pra te ajudar?". Minha mãe, muito raramente, permitia que eu fizesse alguma coisa pra ajudá-la. Às vezes me pedia para ir ao mercado comprar algum elemento que estava faltando ou alguma coisa que eu quisesse comer. Cansada, mas com tom de satisfação pela minha presença ela dizia: "Vai lá embaixo. Compra um chocolate pra gente comer quando for pro quarto." O barulho na chave representava também o início dos meus rituais. Em nenhum momento me faltaram com educação e simpatias. Porém não havia muito interesse sobre o que eu fazia, limitando-se as perguntas em "Como vai a faculdade?" ou "Veio matar saudade da mamãe?".

Algumas coisas me incomodavam de maneira particular. Cresci ouvindo as empregadas domésticas se referirem à suas patroas a partir do tratamento "dona". Então pensava que deveria chamá-las de "dona" também, apesar de não entender o porquê. Com o tempo, meu artifício para fugir dessa convenção foi me referir à eles como doutor e doutora, já que eram médicos. Pequenas práticas exerciam muita coerência na minha mente de "filha de empregada". A relação com o tempo de serviço mantido pela minha mãe era algo incompreensível. Como ela dormia lá a semana toda, o tempo dedicado ao trabalho se estendia até tarde da noite. "Me deixa, menina. Prefiro limpar tudo hoje do que acordar com essa pia cheia de louça amanhã." ao que eu respondia já inconformada: "Então porque você não usa a lava-louça, deixa aí e vem deitar?" Ela dizia: "Que lava-louça o que! Rapidinho eu termino isso aqui". O quarto onde dormíamos era uma espécie de despensa com depósito. Havia uma cama e uma pequena cômoda com uma Tv em cima. Acima da Tv ficava um ventilador. No alto da cama, uma enorme prateleira, de ponta a ponta, com malas de viagens guardadas. Um espelho grande com a ponta quebrada havia sido colocado na parede e, aos fundos do quarto, um pequeno banheiro. "Mãe, eu tenho maior medo dessa prateleira despencar aqui. Você tem que falar isso com eles. É muito peso!". A falta de reação da minha mãe às coisas que eu considerava injustas, me desconcertavam. Mas eu entendia que o fato dela ter trabalhado como doméstica desde os onze anos não a deixaria interpretar as coisas da maneira como eu estava começando a interpretar.

Sexta-feira era quando ela fazia tudo com mais pressa, pois ia embora. Quanto mais cedo terminasse, mais chances teria de pegar um trânsito menos penoso no

trajeto para casa. Vendo ela de um lado pro outro, parando às vezes no quarto pra jogar conversa fora, eu sentia um misto de emoções e, vez ou outra, perguntava: "Tá cansada, né, mãe?" Ela respondia: "Tô, filha, essa semana foi pesada". Eu observava a maneira calma como ela se referia aos seus patrões, o tom de voz submisso, como quem nunca discordava de nada e a campanha que tocava na área de serviço quando terminavam de jantar, sinalizando que ela poderia retirar a mesa. Os cuidados com as crianças da casa, a excelência com as tarefas, como se a morada fosse sua e as tristezas em torno de alguma ofensa sofrida. Quando eu sentava à mesa da cozinha, minha mãe parecia querer me proteger de um lugar que não me pertencia: "Filha, fica aqui no quarto. Eles podem querer sentar aí." Eu não gostava de estar ali, mas era como uma troca do tipo de quem recebe e retribui, ainda que isso ficasse subentendido. Ela precisava do trabalho e, de alguma forma, eu também. Ela precisava da minha companhia, e eu da dela, mesmo que fosse no silêncio. E como quem quisesse sossegar minha evidente inquietação, sempre dizia: "Quando você terminar a faculdade eu vou sair daqui, você vai ver. Vou ficar em casa. Não vou trabalhar pra mais ninguém." Assim ela fez.

Quando eu terminei a graduação em 2015, ela já estava passando por um processo de esgotamento físico e mental tamanho, que custaram diversos problemas em relação à sua saúde. "Produzem sensações e emoções como o desânimo, desconforto, insatisfação e impotência, que vão paulatinamente transfigurando-se na somatização de sinais, passíveis de serem interpretados como patologias." (PORTO, 2008, p. 293). A divisão sexual do trabalho, analisa Porto, faz com que as atividades domésticas realizadas pelas mulheres sejam naturalizadas, tidas como essência da natureza feminina, prontamente ligadas a representação de "amorosidade". Uma vez condicionadas para o desempenho dessas tarefas, as próprias mulheres se posicionam rapidamente em defender o "direito" de realizar esses trabalhos. Eu não conseguia entender o afeto presente na relação da minha mãe com seus patrões, principalmente com sua patroa. O sentimento de gratidão e de frequente docilidade, movimentava um vínculo de familiaridade que poderia ser quebrado a partir do momento em que ela decidisse não trabalhar mais ali, como aconteceu. O "ela é como se fosse da família" é anulado com a quebra de um contrato. E como se eu desejasse provocar nela a atenção para a fragilidade desses laços, dizia: "Quando você não puder mais fazer tudo isso, eles vão te dispensar". E nós seguíamos nesse mundo de

ambiguidades do qual, em certa medida, eu também fazia parte.

O sentimento de "amorosidade" citado por Porto é muito mais real e presente na casa da empregada doméstica, de modo que não deixa de existir assim como acontece quando um contrato de trabalho de rompe. A divisão sexual do trabalho, como afirma a autora, vai nortear esse padrão de comportamento em nossa sociedade. Com isso, as atividades desempenhadas pela mulher na esfera doméstica, tornam-se naturalizadas, associadas à essa noção de "amorosidade". Neste sentido, vai dizer, toda espécie de cuidado, requisitado por qualquer pessoa do grupo doméstico, é prestado pela mulher. Partindo desse pressuposto, eu afirmo que em minha casa não foi diferente.

3. O Bairro Colombo - Baixada.

O mesmo bairro em que minha mãe nasceu e cresceu, eu fui criada. Era de lá que ela saía todas as segundas-feiras de madrugada para chegar a tempo de servir o café no Jardim Botânico. Normalmente, voltaria a ver meu pai e meu irmão somente ao final da semana. O bairro é pequeno e dele deslocam-se dezenas de trabalhadoras domésticas para a mesma região onde minha mãe trabalhava. Não faz muito tempo que uma empresa disponibilizou um ônibus para que passasse ao final da madrugada, facilitando a locomoção dos usuários, uma vez que estes tinham que caminhar até determinado ponto para adentrar o coletivo. A maioria das trabalhadoras que formavam a fila à espera do ônibus, se conheciam. Havia também homens seguindo outros destinos. Como Colombo é um bairro pequeno, é muito comum perceber características pertencentes à lugares do tipo.

Hoggart (1973) torna-se uma importante referência para pensarmos o cotidiano da classe trabalhadora. Ele vai dizer que "a casa pode ser o domínio privado da família, mas a porta principal abre para a sua, e aquele que desce um degrau, ou nele se senta a gozar o fresco nas noites bonitas, passa a tomar parte na vida do bairro." (p. 71) O que vemos em Hoggart, é que apesar de toda exploração da classe trabalhadora, a resistência e a capacidade de adaptação das "forças tradicionais"⁵ permitiram que

5 Em seu artigo, Cunha se refere à primeira parte da obra de Hoggart, intitulada "Uma ordem mais

determinados aspectos permanecessem sem mudanças, assim como apontou Cunha (2014).

Tão certa como essa aproximação entre a vizinhança, era um tipo de afinidade que existia entre algumas trabalhadoras que ali viviam. Estas, além de compartilharem suas casas, o lazer e laços afetivos, agiam como numa "rede de colaboração" quando o assunto era "conseguir um emprego para uma colega na casa de alguém". Não diferente disso, minha mãe muitas vezes agiu como mediadora entre patroas e empregadas, sendo acolhida da mesma maneira quando precisou. Mas deixarei para outro momento uma análise sobre o bairro e essas mediações. Me interessa aqui pensar minha relação com minha mãe, enquanto empregada doméstica, agora na esfera doméstica. Minha mãe tornou-se a filha mais nova entre quatro irmãos. Destes, três são empregadas domésticas, um aposentado por invalidez e outro, que era o filho caçula, teve sua vida interrompida por volta dos trinta anos. Todos viveram ali, na mesma casa, entre idas e vindas. E é nesta mesma casa que vivem hoje minha mãe, pai e irmão.

Considere que somos uma família muito espirituosa, dedicada e amorosa na relação uns com os outros. Mas minha mãe foi sempre muito emotiva, senão a mais entre todos nós. Seus cuidados e destrezas com a casa e conosco nos levaram a fortalecer a afinidade necessária para que vivêssemos bem e de maneira tranquila. Ela era mediadora dentro e fora do lar. Com uma formação cristã, mais do que o papel atribuído à mulher pela sociedade, havia uma motivação clara à respeito de como eu deveria me comportar. E muito naturalmente, os modos e práticas foram me orientando. Desde menina, aprendi que a manutenção da casa era responsabilidade da minha mãe e, tão logo, minha também. Atividades dispostas dentro da casa, eram ensinadas à mim. Já as tarefas dispostas do lado de fora, eram cobradas do meu irmão,

antiga", à "forças tradicionais. Nesta, Hoggart estava interessado em tratar sobre características da classe trabalhadora, bem como os diversos integrantes das famílias, a noção de privacidade em torno do lar, do bairro, os aspectos das casas e das roupas usadas. Cunha vai dizer que tais observações foram apresentadas como "produtoras de uma nova ordem autêntica, de si para si e de uma cultura própria."

desde recolher o lixo, alimentar os cachorros, até limpar o quintal. Lavar a louça, aprender a cozinhar e tirar o pó dos móveis eram habilidades que eu precisava ter. Detalhes como esses já foram abordados e debatidos em outras pesquisas, porém o meu objetivo é mostrar como as possíveis tensões existentes nas relações entre mães e filhas, no caso das empregadas domésticas, podem refletir no futuro de suas gerações e de que forma essas representações levam à resistência do efeito de transmissão em relação à essa profissão.

Apesar da breve experiência como babá, meus pais trabalharam para que eu pudesse ter um futuro diferente, com condições melhores. Porém, minha mãe nunca abriu mão de que eu desenvolvesse habilidades domésticas, de modo que ela pudesse garantir que eu me tornaria, no mínimo, uma boa dona de casa e esposa. É motivo de orgulho para ela perceber que eu sei fazer determinadas coisas, quando não demora em dizer: "Viu, filha? Te ensinei direitinho." E apesar da minha atual consciência de igualdade sobre a divisão de tarefas dentro de uma casa, quando estou na casa da minha mãe eu reproduzo todo comportamento que me foi demandado há alguns anos, quando ali vivi. Os homens permanecem assistindo televisão, enquanto eu a ajudo com o preparo da refeição na cozinha. A louça, ela lava enquanto eu fico debruçada na pia à medida em que conversamos. A mãe, vai dizer Hoggart, é que faz o lar. "É uma vida dura, e espera-se da mãe que não pare de manhã à noite: tem de cozinhar, coser, limpar, lavar a roupa, tomar conta das crianças, ir às compras e satisfazer o desejo do marido. [...] A luta era dura e tirava à vida todo prazer" (p. 52 e 59).

Apesar de todo trabalho e cansaço, minha mãe se reguarda na noção de "amorosidade" e numa provável negociação com seu companheiro, no qual ele trabalha fora e ela dentro. Condicionadas para a execução das tarefas domésticas e as considerando parte essencial para a construção do *ethos feminino*, essas mulheres defendem o direito de realizarem tais atividades, que se incorporam em suas identidades e lhes confere o domínio da esfera doméstica. (PORTO, 2008). Tal observação aponta para uma análise sobre como é construído o argumento feminista sobre o trabalho doméstico. Baseada na discussão calorosa de Filomena Gregori

(1989)⁶ sobre relações violentas, onde ela sugere que, na violência conjugal, a mulher aparece como um ser passivo, eu me pergunto até que ponto, no trabalho doméstico, a mulher também não se coloca como um indivíduo vitimado? Levando em conta a ideia de que elas defendem o direito de realizar as atividades domésticas, a mulher pode se tornar sujeito constituinte de uma situação ou destino. Gregori é categórica: apesar de tudo, ainda é o corpo da mulher que sofre maiores danos. Assim como Gregori, não é minha intenção com essas hipóteses culpar as mulheres. Mas compreender como funciona, de fato, o trabalho doméstico na esfera familiar e quais os seus sentidos. Em tempos em que se discute a "carga mental" que se instala na vida e rotina das mulheres, devido ao aumento e manutenção de todas as questões referentes à casa, pretendo, em outro momento, entender de forma cuidadosa a complexidade que esse debate sugere.

Com base na discussão sobre trabalho, família e gênero, considerando as subjetividades presentes na pesquisa sobre empregada doméstica e uma abordagem geracional num contexto familiar, meu objetivo nesse trabalho foi refletir sobre as rupturas e continuidades referentes à profissão de doméstica em relação à filha de uma empregada. No texto, apresentei as minhas narrativas, no tocante à trajetória de minha mãe, durante o tempo que frequentei a casa em que ela trabalhou por mais de dez anos. Sejam nas experiências vividas na rua Jardim Botânico, na zona sul da cidade ou

6 Durante um ano da década de 80, a socióloga, na época mestranda, Maria Filomena Gregori, participou das atividades desenvolvidas pelo SOS-Mulher, uma entidade de apoio e conscientização às mulheres vítimas de relações violentas. Gregori buscou, em sua pesquisa, compreender a prática do SOS-MULHER, desde suas origens até os momentos de crises da entidade, bem como as perspectivas do feminismo no Brasil a respeito da violência conjugal. Uma das principais hipóteses de Gregori, a partir de suas observações e das conversas que obteve com um grupo de mulheres, era de que as mulheres e os homens provocavam ou mantinham as situações de violência. Segundo a autora, ainda que o medo se instale na mulher em episódios de agressão, de uma forma paradoxal, é a mulher que se aprisiona quando cria sua própria vitimização. O pior, afirma, "não é ser vítima (passiva) diante de um infortúnio; é agir para reiterar uma situação que provoca danos físicos e psicológicos." (GREGORI, 1989, p. 184). Ao final de sua pesquisa, a autora conclui que a condição de opressão da mulher não se modifica quando se atua apenas no nível da consciência. Só se é possível, diz, dar um salto nas investigações sobre relações de gênero, quando se olha para dentro dessas relações e se compreende os personagens e as cenas onde eles são protagonistas.

no bairro Colombo, na baixada fluminense do Rio de Janeiro, revisitei as minhas memórias de modo que pudesse traduzir as minhas experiências, produzindo possíveis reflexões sobre as relações entre empregadas domésticas, o trabalho doméstico e suas filhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, C. F. P. *Trocas, hierarquia e mediação: as dimensões culturais do consumo em um grupo de empregadas domésticas*. Tese (Doutorado em Administração) UFRJ, 2007. Disponível em:

http://www.coppead.ufrj.br/upload/publicacoes/Carla_Barros.pdf

BECKER, H. Howard S. *A história de vida e o mosaico científico*. In: Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1993.

BERTAUX, D. *Da Narrativa de Vida*. In: Narrativa de vida: a pesquisa e seus métodos; tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante, Denise Maria Gurgel Lavallée; Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

CIOCCARI, M.; Della Torre, D. “Prefácio” e “Introdução: *Blaudes, o camponês reconta a história*”. In: BARROS, F. B. S; CIOCCARI, M. (org.). Japuara, um relato das entranhas do conflito - Vol. 2 da Coleção 'Camponeses e o Regime Militar'. Brasília: MDA/SDH, 2013.

CUNHA, D. S. Usos e Abusos da Cultura. Richard Hoggart e a Cultura Viva da Classe Trabalhadora. Obituário, In: Comunicação Pública, Volume 9, nº 16, 2014.

DA MATTA, R. 1985. *O ofício do etnólogo, ou como ter Anthropological Blues*. In: A aventura sociológica. Objetividade, paixão, improvisado e método na pesquisa social. Edson de Oliveira Nunes (org.). Rio de Janeiro: Zahar, pp. 23-35.

DUARTE, L. F.; GOMES, E. C.. *Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

FAVRET-SAADA, J. 1990. "Ser afetado". In: *Cadernos de Campo*, nº 13: 155-161, 2005. Tradução Paula Siqueira - PPGCAS/MN/UFRJ.

GREGORI, M.F. "Cenas e queixas". *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, n.23, março 1989, p.163- 175.

HOGGART, R. *As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. Lisboa: Editorial Presença, 1973

LINS DE BARROS, M. *Três gerações femininas em famílias de camadas médias: trajetórias de vida e o projeto de autonomização*. Trabalho apresentado na 26a.

Reunião

Brasileira de Antropologia realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

PORTO, D. Trabalho doméstico e emprego doméstico: atribuições de gênero marcadas pela desigualdade. *Revista Bioética* 2008 16 (2): 287 - 303.

SARTI, C.A. *Contribuições da antropologia para o estudo da família*. *Revistas, Psicologia USP*, Volume 3, nº 1-2, 1992.

TOMIZAKI, K. RUPTURAS E CONTINUIDADES NAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS:

o futuro da categoria metalúrgica do ABC Paulista. In: *CADERNO CRH*, Salvador, v. 19, n. 46, p. 87-96, jan./abr. 2006.

VELHO, G. *O patrão e as empregadas domésticas*. In: *Revista de Sociologia*:

Problema e Prática, São Paulo, nº 69, pág: 13 à 30. 2012. Disponível em:
<https://spp.revues.org/780>

VELHO, G. *Observando o Familiar*; In, Individualismo e cultura. Pág: 123-132. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

WEBER, F. *O ofício de etnógrafo*. In: Trabalho fora do Trabalho: Uma etnografia das percepções. Tradução: Roberta Ceva. Rio de Janeiro, Editora: Garamond, 2009.